



GEOGRAFIAS DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: a modalidade EaD a partir das experiências, percepções e representações de estudantes

Distance education geographies: distance learning modality based on students' experiences, perceptions and representations

1 Leonardo Berté Nunes <https://orcid.org/0000-0002-6232-9085>

1 Universidade Federal de Santa Maria  Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

2 Benhur Pinós da Costa <https://orcid.org/0000-0001-5440-0278>

2 Universidade Federal de Santa Maria  Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

Autor de correspondência: leonardoberte0@gmail.com

RESUMO

A pesquisa pretende compreender as experiências, percepções e representações de estudantes universitários da modalidade à distância e apreender a conformação daquilo que chamamos de 'espaço universitário' dessa modalidade. Para isso, lançamos mão da fenomenologia no sentido de aprofundar o entendimento das percepções, representações e experiências. Também, debatemos como se perfaz a discussão acerca do espaço na Geografia quando embasada pela fenomenologia e, por fim, o debate sobre o ciberespaço em função da relevância que este possui para a modalidade. A operacionalização da pesquisa ocorreu mediante encontros com sete estudantes da modalidade tanto da graduação quanto da pós-graduação e, através desses encontros, construímos as narrativas que descrevem os encontros. A partir da descrição, realizamos a redução fenomenológica, processo de aprofundamento da discussão sobre os encontros e das diversas questões que apareceram e, a partir disso, consideramos a ocorrência de um 'espaço universitário' da modalidade enquanto um fenômeno efêmero que se constitui na experiência dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação à distância; Geografia; Ciberespaço; Fenomenologia.

ABSTRACT

This research aims to understand the experiences, perceptions and representations of university students in the distance modality and to apprehend the conformation of what they experienced in the 'university space' of this modality. For this, we use phenomenology in order to deepen the understanding of perceptions, representations and experiences, and also debated how the discussion about space in Geography is carried out when based on phenomenology and, finally, the debate about cyberspace due to the tribute it has for the modality. The operationalization of the research took place through meetings with seven students of the modality, both undergraduate and graduate and, through these meetings, we built the narratives that describe the meetings. Based on the description, we carried out the phenomenological reduction, a process of deepening the discussion about the meetings and the various issues that appear. And, based on this, we considered the occurrence of a 'university space' of the modality as an ephemeral phenomenon that constitutes the experience of the subjects.

Keywords: Distance education; Geography; Cyberspace; Phenomenology.

INTRODUÇÃO

Há no Ensino Superior nacional um crescimento da modalidade à distância (educação à distância ou como vamos nos referir, EaD). Nos anos de 2020 e 2021 o número de ingresso em cursos EaD já eram maiores do que cursos presenciais (INEP, 2022). Em 2021, esse número fica ainda mais expressivo, com 62,8% dos ingressos em cursos de Graduação representados pela modalidade à distância e 37,2% pela modalidade presencial.

Tais números podem se alterar com o tempo, mas eles já nos indicam haver uma consolidação de uma parcela considerável do ensino superior brasileiro realizada à distância. A partir disso, o que temos de fazer é discutir as mais diversas características implicadas na EaD, seja no sentido das metodologias, das políticas públicas, da qualidade, mas também da própria experiência com esta modalidade.

Em uma perspectiva geográfica, poderíamos abordar a EaD para averiguar a distribuição das instituições, cursos e polos no país ou mesmo estudar metodologias para aprimorar o ensino-aprendizagem de cursos à distância de Geografia. Contudo, na presente pesquisa temos como objetivo compreender as percepções, experiências e representações das/os estudantes da modalidade e como tais sujeitos conformam espacialidades ao estabelecerem sua conexão com seus cursos, instituições e com colegas, professores e tutores.

Assim, tendo por base a ciência geográfica, utilizamos a perspectiva fenomenológica que tal como nos mostram Sposito (2004) e Suertegaray (2005), tem como direcionamento o sujeito, o cotidiano, as percepções, representações e experiências dos sujeitos. Em outras palavras, a perspectiva fenomenológica quando abordada na ciência geográfica tem como direcionamento o que Buttimer (1976) explicitou como mundo vivido e Dardel (2015, p. 5) chama de uma 'geografia feita em ato'.

Isto é, o que se pretende quando se lança mão da fenomenologia é se voltar para os sujeitos em suas vidas cotidianas, na banalidade das relações estabelecidas no dia a dia e das representações conformadas nas percepções e experiências. Nesse sentido, a

pesquisa teve como necessidade estabelecer diálogos com as/os estudantes da modalidade. Conversamos com sete deles para compreendermos o que se percebe, experiência e representa sobre e na modalidade EaD e como a partir disso se conformam espacialidades.

Para operacionalizar essa pesquisa, além de discutir os conceitos e princípios que constituem a fenomenologia tais como intencionalidade, intersubjetividade e redução fenomenológica, apresentamos uma breve discussão sobre a EaD . Além disso, traçamos a discussão sobre o ciberespaço, haja vista que EaD tem, nesse meio, a principal conexão entre estudantes, instituições e docentes.

Dessa forma, o presente artigo está dividido em três momentos. O primeiro deles, no qual apresentamos a EaD, a fenomenologia e seus princípios e como ciberespaço pode ser compreendido a partir de uma perspectiva fenomenológica. O segundo, no qual abordamos as implicações metodológicas da fenomenologia e as estratégias de pesquisa que utilizamos para entrar em contato com o fenômeno estudado. Por fim, o terceiro, no qual apresentamos trechos das conversas junto das/os estudantes e como podemos compreendê-los através do processo de redução fenomenológica.

A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E O CIBERESPAÇO ATRAVÉS DA FENOMENOLOGIA

Para iniciarmos o presente debate, precisamos entender o que é a educação à distância, assim, vejamos o que a legislação brasileira sobre o tema nos diz:

[...] considera-se educação à distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017, p. 3).

Deste trecho, podemos extrair que é: 1) a educação à distância é mediada por tecnologias e 2) ela ocorre em lugares e tempos distintos. Destacamos estas duas questões por se tratarem daquelas mais centrais, isto é, definidoras da EaD, haja vista que dizem respeito ao seu funcionamento. Logo, o que temos é uma modalidade educacional cujos sujeitos integrantes não estão na mesma sala de aula como comumente ocorre com

a presencialidade e se conectam por meio de tecnologias, mas essa conexão pode acontecer de forma muito variada.

Por exemplo, o professor responsável pode estar em sua sala na universidade ou mesmo na sala de sua casa em uma quinta-feira à noite enquanto posta o material e prepara os diferentes conteúdos a serem abordados. Enquanto um estudante acessa esse material somente aos sábados quando tem folga do trabalho em uma cidade que está a quilômetros de distância daquela do professor. Essa conexão através do computador ou do celular e dos chamados Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) está imbricada no que chamamos a partir de Lévy (2010, p. 94-95, *italico no original*) de ciberespaço. Segundo o autor, o ciberespaço:

A palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromancer* [...] Eu defino o ciberespaço como *o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores* [...] esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de informação, de gravação, de comunicação e de simulação.

Assim, vemos que o ciberespaço é esse meio que permite conectar diferentes dispositivos e suas memórias que só passou a se efetivar a partir de um momento muito recente da história humana. Podemos perceber também como este conceito nos auxilia a compreender a EaD, isto é, a modalidade está imersa no ciberespaço, ela só acontece através dele, pois a conexão entre instituições, docentes e discentes só se efetiva através dessa conexão de computadores e outros dispositivos tais como celulares ou *tablets*.

É importante destacar que por vezes ocorre uma superestimação do próprio ciberespaço, isto é, como se ele pudesse existir isoladamente ou mesmo tivesse ele próprio uma espécie de existência quase humana. Em outras palavras, queremos apontar o erro da reificação do ciberespaço tal como um ser que funcionasse para além das próprias atividades humanas. Por exemplo, no caso da EaD, existe alguém que institui o funcionamento do AVA e também sua manutenção e ele só se efetiva enquanto um ambiente de aprendizagem quando as/os estudantes e as/os professoras/es e tutoras/es executam suas atividades cotidianas em relação ao curso.

Dessa forma, tal como nos mostram Santos (2006) e Dardel (2015), o ‘mundo humano’ também é um mundo técnico e tecnológico, permeado por objetos que se constituem enquanto extensões dos sujeitos para ser possível exercer as mais diversas

atividades, sejam de trabalho ou lazer. Pensando em tais questões, é que pontuamos a importância de uma compreensão fenomenológica, tanto da EaD, quanto do ciberespaço, para tanto, vejamos do que se trata a fenomenologia e como ela nos possibilita compreender essa modalidade educacional e o meio tecnológico através do qual ela se efetiva. Acerca da fenomenologia, Merleau-Ponty (2018, p.1) nos diz o seguinte:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas também uma filosofia para a qual o mundo sempre está “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico.

Deste trecho, é interessante destacarmos três pontos: 1) a facticidade; 2) o mundo e o sujeito; 3) colocar em suspenso as afirmações da atitude natural. Vejamos a questão da facticidade, ela é fundamental para compreender a forma pela qual a fenomenologia se coloca enquanto perspectiva de estudos, pois para um estudo fenomenológico é só através desse sujeito, desse ser de existência em contato com outros no mundo que se pode compreender os fenômenos.

Isto é, para a fenomenologia eu não posso presumir o sujeito para debater o que perfaz os fenômenos, para entender os fenômenos tenho que retornar aos sujeitos. Por sua vez, este retorno ao sujeito nos conduz ao segundo ponto que destacamos, a relação entre o mundo e o sujeito. O sujeito não pode ser considerado isoladamente, ele só é com e no mundo, ou seja, o próprio sujeito só se constitui enquanto tal através no contato com o mundo, mas que também constitui este mundo para si.

Por fim, a suspensão. Esta questão é muito importante para a fenomenologia, inclusive para um debate metodológico, pois ela nos diz que, se o entendimento dos fenômenos está vinculado ao sujeito com/no mundo, eu não posso, antes de ir ao encontro dos sujeitos, me basear em explicações teóricas de quaisquer áreas do conhecimento. Preciso compreender como os sujeitos se colocam em relação com o fenômeno e, a partir dessa aproximação, é que podemos traçar discussões sobre o que seja e como seja esse fenômeno.

Tendo em vista isso, Serpa (2019), via autores como Husserl e Merleau-Ponty, nos indica que a fenomenologia possui alguns princípios para compreender os fenômenos estudados, tais como o corpo, a intencionalidade e a intersubjetividade. Esses princípios, para o autor, constituem as principais bases pelas quais a fenomenologia nos permite entender os sujeitos e suas experiências, percepções e representações. Iniciemos pelo debate sobre o corpo, Merleau-Ponty (2018, p. 206) nos diz o seguinte:

As diferentes partes de meu corpo — seus aspectos visuais, táteis e motores — não são simplesmente coordenadas. Se estou sentado à minha mesa e quero alcançar o telefone, o movimento de minha mão em direção ao objeto, o aprumo do tronco, a contração dos músculos das pernas envolvem-se uns aos outros; desejo um certo resultado e as tarefas distribuem-se por si mesmas entre os segmentos interessados, as combinações possíveis sendo antecipadamente dadas como equivalentes: posso permanecer encostado na poltrona, sob a condição de esticar mais o braço, ou inclinar-me para a frente, ou mesmo levantar-me um pouco. Todos esses movimentos estão à nossa disposição a partir de sua significação comum.

Este trecho no qual o autor nos explica como diferentes partes do corpo atuam em conjunto para o simples movimento de utilizar um telefone que está sobre uma mesa pretende demonstrar alguns pontos: 1) a atuação sinestésica do corpo; 2) a relação corpo e consciência e 3) a implicação do corpo com o movimento e a intencionalidade. A primeira questão talvez seja a mais nítida no exemplo que o autor nos traz, isto é, meu corpo e os chamamos ‘cinco sentidos’ dele não atuam separadamente no mundo, eles atuam em conjunto, sendo, assim, meu contato com o mundo.

Já a relação corpo e consciência está mais implícita no trecho citado, pois ela diz respeito ao fato que não é preciso traçar um conjunto de pensamentos para executar a ação. Por exemplo, de levantar o braço para alcançar o telefone, isto é, não preciso ordenar para meu corpo fazer isto ou aquilo, somente levanto o braço e tomo o telefone na mão. O que isso indica acerca da relação corpo e consciência? Indica-nos que ela é intrínseca ao sujeito, isto é, não é possível pensar o sujeito, ora como corpo, ora como consciência, pois a consciência dele está implícita em seu corpo e ambos atuam conjuntamente permanentemente.

Por fim, a terceira questão está relacionada com a segunda, pois a intencionalidade é entendida em Merleau-Ponty (2018) como um direcionamento que conduz o corpo. Isto é, a intencionalidade em Merleau-Ponty (2018), tal como nos indica Scarpa (2019), opera no nível do corpo, ela está diretamente implicada no movimento do

corpo desde movimentos muito sutis como um voltar de olhos até movimentos como dirigir-se para algum local.

Sendo assim, no processo que o autor descreve na citação enquanto se movimenta para pegar o telefone que está sobre a mesa implica haver junto disso uma intencionalidade aplicada ao telefone, um direcionamento para este objeto. Dito isso, podemos considerar duas questões sobre o sujeito compreendido através da fenomenologia. A primeira é de que ele se constitui enquanto a permanente imbricação do corpo e da consciência e, de maneira sinestésica, entra em contato com o mundo; já a segunda nos mostra que apesar de estar no mundo de forma sinestésica, ele se intenciona para este ou aquele objeto.

Contudo, ele não está sozinho no mundo, existem muitos sujeitos junto dele, assim, como a fenomenologia entende as relações entre sujeitos? Através da intersubjetividade, esse princípio fenomenológico pode ser visto por Serpa (2019, p. 39) que nos diz o seguinte:

O mundo intersubjetivo da fenomenologia revela a transcendência como ato compartilhado entre os seres humanos, como transcendência “negociada”. Admitir a possibilidade de um mundo intersubjetivo como transcendência ingrediente, partilhada e negociada revela que as investigações fenomenológicas são investigações universais de essências.

Inicialmente, deixemos nítido o que se entende por transcendências enquanto aquilo que se estabelece para além do sujeito, isto é, se estabelece na coletividade junto de outros. Dito isso, podemos entender o que o autor nos trouxe como uma definição da intersubjetividade enquanto a constituição de subjetividades que se efetivam no contato, nas trocas com os outros, trocas estas que podem se efetivar de múltiplas formas, inclusive através do ciberespaço.

Para tornar isso mais nítido, pensemos em um exemplo. Uma sala de aula escolar é comumente preenchida por sujeitos diversos, estudantes e professores em sua maioria. Muitas vezes, as/os estudantes se dividem em grupos e por vezes isso fica nítido na maneira como as turmas organizam suas mesas e cadeiras. Nesse sentido, temos um exemplo dessa ‘negociação’ que caracteriza a intersubjetividade, pois, mesmo que as/os estudantes não tenham feito uma negociação com um contrato assinado, existe uma

‘negociação’ como natureza estabelecida em consenso, pois cada grupo senta em conjunto e distante do outro.

Assim, se fossemos estudar essa sala de aula numa perspectiva fenomenológica, tal questão seria possivelmente apontada, pois não só ela afeta como os sujeitos estão distribuídos na sala, como também diz respeito à forma como os diferentes sujeitos constituíram essa intersubjetividade. No sentido de se entenderem de formas díspares e, assim, se posicionarem na relação com os outros e com esta parcela do mundo. Dessa forma, não é só o sujeito que se intenciona com/no mundo, mas esse sujeito junto de outros.

Dito isso, podemos adentrar no conceito de percepção que vemos por meio de Tuan (1983) e Merleau-Ponty (2018) enquanto este contato com o mundo, por vezes até mesmo um contato ingênuo que empreendemos diariamente. Logo, o corpo, a intencionalidade e a intersubjetividade constituem a percepção e são por ela englobados no sentido de que ela é a conexão basilar com o mundo que se constitui através destes elementos.

Contudo, a percepção não encerra nosso entendimento do mundo, pelo contrário, ela é o que dá início a ele. Para instituir um entendimento sobre o mundo, nós conformamos representações. Vejamos o que Gil Filho (2006, p. 51) nos diz sobre as representações e a relação delas com a percepção:

A representação é uma forma de conhecimento. Mesmo que tempo e espaço gerem determinadas formas de representação, é na dualidade sujeito-objeto que reside o denominador comum que pode conceber toda forma de representação. No dizer de Schopenhauer (2001), se tudo o que existe está para o sujeito e depende dele, então o mundo é uma representação [...]

Esse trecho nos mostra questões centrais para entender as representações, no sentido que abordamos na presente pesquisa, vejamos: 1) relação entre a percepção e a representação; 2) as representações são uma forma de conhecimento. As representações são constituídas através da percepção dos sujeitos em relação aos objetos com/no mundo, assim, os sujeitos representam o mundo e seus objetos a partir do fato que percebem, logo, é impossível tratar de uma sem a outra. Em outras palavras, as representações se tratam de um processo de produção de sentidos, interpretações ou explicações para o que é percebido.

Outros dois conceitos importantes para a perspectiva fenomenológica são a situacionalidade e posicionalidade. Por mais que a percepção seja relação com o mundo, ela só pode se dar de forma situada, haja vista que o sujeito sempre se situa em um ‘agora’ em que a percepção está ‘presa’. Isto é, o contato com o mundo está limitado e o mesmo ocorre em relação à posição que determina um ‘aqui’, delimitando a percepção. Em outras palavras, nossa percepção, isto é, nosso contato com o mundo é sempre situacionalizado e posicionado (Sartre, 2011; Serpa, 2019).

Vejamos um exemplo que pode trazer maior nitidez a isto. Uma pessoa que comumente vai ler em um parque da sua cidade, ela procura um local para sentar e ao longo da leitura, faz pausas e fica observando o parque. Como ela vê, ouve e sente o parque está imbricada pela posição em que ela se encontra nele, pela atividade que ela está fazendo. Por exemplo, uma pessoa que estivesse realizando a limpeza do parque teria outra perspectiva do mesmo.

Assim, temos na perspectiva fenomenológica, um sujeito que percebe o mundo através do seu corpo e da intencionalidade e intersubjetivamente, mas também de forma situada e posicionada em função da ancoragem do sujeito nesse mundo. Através dessa percepção, se constituem representações que estão implicadas em todas essas características, isto é, as representações também perpassam pelo corpo, pelo contato com os outros sujeitos e pela implicação entre situação e posição.

Ou seja, as representações constituídas pelos sujeitos dificilmente são equivalentes em amplitude, tal como nos mostra Serpa (2019), àquelas chamadas de representações sociais. Elas são representações que se desenvolvem no dia a dia dos sujeitos, da forma como estes sujeitos se relacionam com/no mundo. Ademais, tal como nos mostra Tuan (1983, p. 9), há outro conceito que abraça tudo o que discutimos até então que é a experiência, como o autor nos mostra na sequência:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

Vemos que o autor entende que desde os chamados ‘sentidos’ do corpo até a forma de simbolização, podemos relacionar com a conformação de representações.

Assim, a experiência é um conceito que nos aproxima da discussão sobre a existência humana, isto é, enquanto a percepção significa o contato originário com o mundo. A representação, as interpretações e explicações acerca das percepções, a experiência significa a efetivação da existência, haja vista que congrega as percepções e as representações.

Tal compreensão é corroborada por Marandola Jr. (2005) quando o autor nos mostra que a experiência se relaciona até mesmo com questões como objetividade e subjetividade, tempo e espaço ou história e memória. Assim, podemos compreender que se o corpo, a intencionalidade e a intersubjetividade estão implicados na percepção e conseqüentemente na representação, a experiência diz respeito à efetivação de nossa condição de seres-no-mundo.

Dito isso, precisamos nos questionar como a fenomenologia, mediante tais princípios e conceitos, possibilita um entendimento sobre o espaço, para então chegarmos até como a fenomenologia permite discutir o ciberespaço e a EaD. Vejamos o que Merleau-Ponty (2018, p. 328) nos diz sobre isso:

O espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas é possível, Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhes seja comum, devemos pensá-lo como potência universal de todas as conexões.

Em outras palavras, o espaço em uma perspectiva fenomenológica diz respeito à conexão possível entre as coisas, em especial, entre o sujeito que está com e no mundo com outros sujeitos. Pensemos em um exemplo, uma pessoa está sentada em frente a seu computador realizando algumas tarefas de seu curso à distância. Ela está efetivando diferentes conexões, seja entre seu corpo e a máquina, com/no local onde está, com o conteúdo na tela.

Essas conexões se dão até mesmo com as pessoas com quem se relaciona em função do curso, junto disso, essa pessoa pode conformar representações sobre o que significa esse momento no curso à distância. Ou seja, como nos mostrou Christofolletti (1982), o espaço, em uma perspectiva fenomenológica, significa um espaço concebido em um *aqui* e um *agora* que possui certo contexto que é percebido e representado por sujeitos posicionados e situados no mundo.

Em outras palavras, o espaço se constitui nas experiências, percepções e representações dos sujeitos nos mais diversos afazeres diários, ou como Dardel (2015) fala, sobre uma geografia constituída nos atos cotidianos. Nesse sentido, o ciberespaço, quando apreendido através da fenomenologia, pode ser apresentado mediante Bernardes e Sposito (2009, p .25):

É por meio de imagens que os usuários “navegam” na internet, relacionando-se com uma infinidade de imagens descontextualizados – e seja, por colocá-las em relação uma com as outras ou por colocá-las em relação com as experiências derivadas de relações materiais – eles identificam as intencionalidades-territorialidades – ali expressas, o que possibilita ao homem identificar certa lógica, logo ‘movimentar-se’, interagir com esta mediação eletrônica. [...] Por esta relação se delinea novas formas de percepção e de interação com o mundo interferindo diretamente na nossa capacidade de ler e representar o espaço [...]

Como vimos, o ciberespaço não pode ser visto enquanto um elemento separado da relação das pessoas com e no mundo, mas como pensar o ciberespaço através das experiências, percepções e representações dos sujeitos? Os autores acima nos indicam algumas possibilidades: 1) implicação entre intencionalidade e movimento no ciberespaço; 2) conformação de espacialidades e 3) relação entre o ciberespaço e representações.

A primeira questão fica bem nítida na citação do autor, existe um movimento no ciberespaço, um movimento feito ao navegar neste meio. Essa navegação possui uma intencionalidade empenhada pelo sujeito, dessa forma, os sujeitos se direcionam para aqueles conteúdos que lhes interessam e através disso podem até mesmo constituir e conformar espacialidades.

Essas espacialidades se conformam nas relações estabelecidas através do ciberespaço, especialmente, em função de que ao se movimentar de forma intencional e intersubjetiva no ciberespaço, os sujeitos constituem percepções e representações que podem até mesmo a levar a formação de comunidades. Um exemplo disso diz respeito ao que é descrito por Barbosa, Costa e Nunes (2022) acerca de uma comunidade organizada no ciberespaço, embora não fique restrita a ele.

Em outras palavras, os sujeitos com/no ciberespaço se intencionam e com isso navegam ao longo dele, constituindo intersubjetividades das mais diversas, isto é, eles percebem o ciberespaço e suas dinâmicas, os outros sujeitos ali inseridos e como se

movimentar através dele. Com isso, eles representam o ciberespaço e as relações ali estabelecidas, atribuindo interpretações e explicações diversas para suas experiências e percepções.

Por fim, como isso se aplica à EaD? Para entendermos isso, precisamos discutir a noção que propomos de espaço universitário. Essa noção pode ser pensada enquanto uma tentativa de sistematização das relações que se dão durante e através da formação universitária. Por exemplo, Herrmann e Costa (2017) nos indicam um conjunto de percepções pelas quais estudantes da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que viviam na Casa do Estudante Universitário passavam e, principalmente, como eles representavam essas percepções.

No mesmo sentido, Itaborahy (2013) nos mostra um relato de diversas situações, percepções e representações pelas quais passou durante seu processo de formação enquanto pesquisador. Exemplificamos essas duas pesquisas. Pois, demonstram um pouco do que queremos dizer quando falamos em espaço universitário, isto é, um conjunto de experiências, percepções e representações que possui como fio condutor a formação acadêmica.

Assim, quando pensamos o espaço enquanto o meio de relações possíveis, o espaço universitário se apresenta enquanto uma parcela desse meio cujas relações estão vinculadas à formação acadêmica. Quando falamos da EaD, falamos de uma modalidade educacional mediada pelo ciberespaço, assim, o que seria um espaço universitário da modalidade EaD está imbricado pela tecnologia.

Dessa forma, o que entendemos enquanto uma perspectiva fenomenológica para a EaD diz respeito a uma compreensão desse espaço universitário mediado pelo ciberespaço, enquanto meio de relações possíveis estabelecidas pelos sujeitos, em especial, as/os estudantes da modalidade. Assim, as/os estudantes da modalidade ao exercerem suas atividades diárias, constituem experiências, percepções e representações conformam esse espaço universitário mediado pelo ciberespaço.

A FENOMENOLOGIA E AS ESTRATÉGIAS DE PESQUISA

Até o momento, apresentamos os conceitos e princípios que embasam o entendimento que a fenomenologia nos possibilita constituir sobre a relação dos sujeitos com/no mundo e como isso direciona para uma compreensão do espaço, da EaD e do ciberespaço. Mas como é possível colocar em prática uma pesquisa com base na fenomenologia no contexto da ciência geográfica? Vejamos o que Nascimento (2016, p. 17) nos mostra acerca da pesquisa de base fenomenológica:

No campo da fenomenologia como método de abordagem, são os sujeitos que determinam o objeto, pois ela parte do pressuposto de que os sujeitos constituem a realidade, que é singular do próprio sujeito. [...] dentro da geografia, a fenomenologia chega à categoria de percepção, ou seja, a percepção do indivíduo em seu entorno, destacando sua subjetividade. Neste sentido, pode-se dizer que os sujeitos determinam o objeto e os objetos constituem os sujeitos. Para tanto, o objetivo do método fenomenológico é descrever a estrutura integral da experiência vivida, as representações que essa experiência tem para os indivíduos que a vivenciam.

Neste trecho, a autora nos indica algumas questões já debatidas, como a centralidade dos sujeitos para a compreensão fenomenológica e a própria percepção. Contudo, ela nos aponta uma questão central para as pesquisas de base fenomenológica que é a descrição, isto é, como a fenomenologia tem por base o sujeito e a busca de compreender suas percepções, representações e experiências, o que precisamos fazer é descrevê-las.

Como nos mostram Ales Bello (2006) e Serpa (2019), a descrição com a redução constituem outros dois princípios fenomenológicos cruciais para a pesquisa. Assim, é preciso descrever o fenômeno na diversidade de aspectos que fazem parte dele, não basta direcionar como comumente é feito em outras perspectivas de pesquisa que coletam dados já direcionando para esta ou aquela questão.

A busca da fenomenologia é pelo que os sujeitos percebem, representam e experienciam e isto quer dizer um conjunto de aspectos muito mais amplo, por isso descrevê-los é fundamental. Dessa forma, como realizamos a descrição na presente pesquisa? Para ser possível realizar uma descrição, o autor precisava se inserir no fenômeno junto das/dos estudantes da modalidade EaD.

Assim, entramos em contato com um conjunto de estudantes de diferentes instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, e de diferentes níveis (tanto

graduação quanto pós-graduação). Dentre estudantes com quem entramos em contato, sete deles se disponibilizaram a participar da pesquisa. Assim, agendamos encontros com cada um deles. As/os estudantes compuseram um grupo majoritariamente homogêneo sendo seis mulheres e um homem, em sua maioria, professores (5) realizando uma segunda graduação ou pós-graduação lato-senso, a maioria proveniente de instituições públicas de ensino (4), embora alguns realizassem cursos, tanto em instituições públicas, quanto privadas.

Nesses encontros o desafio era que as/os estudantes e o pesquisador adentrassem o processo de estudos das/os participantes e, através disso, conseguissem conversar acerca dos diferentes aspectos que perfazem esse espaço universitário à distância, suas intencionalidades, intersubjetividades, percepções e representações. Ademais, os encontros foram realizados via chamadas de vídeo e seu áudio foi gravado. Adotamos tais ferramentas porque ficaria mais fácil de conversarmos com as/os participantes enquanto estivessem conectados às suas atividades de seus cursos da modalidade EaD.

Nesse sentido, para descrever tais encontros e, a partir deles, discutir o espaço universitário à distância, utilizamos da estratégia de pesquisa que chamamos de narrativas geográficas. Para entender essa estratégia de pesquisa precisamos entender o que são as narrativas. Para discutir isso, vejamos o que Lindón (2008, p. 17) nos traz acerca do assunto:

Por todo ello, en estas líneas que siguen evitamos referirnos a las narrativas en términos de entrevistas, aun cuando indudablemente requieren de la situación de entrevista. De igual forma, no nos referiremos al problema de la grabación, aunque tampoco puede quedar duda que las narrativas de vida solo pueden ser registradas como grabación (o videograbación). La decisión de no ubicar la aproximación en estas visiones técnicas deriva del interés por destacar la complejidad que supone la producción de una narrativa de vida espacial, por parte de un sujeto que se encuentra cara a cara con otro, el investigador. Esta forma de acercamiento a la realidad se funda en lo que Jérôme Bruner (1984; 1986) denomina “pensamiento narrativo”. Esta forma de pensamiento –muy antigua en la historia de la humanidad consiste en contarnos a nosotros mismos, o a los otros, historias. La particularidad de reconocer que en esta vieja práctica opera un tipo de pensamiento responde a que, al contar esas historias, vamos construyendo los significados de nuestras experiencias.

Sobre este trecho, temos alguns itens a pontuar acerca das narrativas: 1) diferença em relação às entrevistas; 2) narrativa como contar história. O primeiro item diz respeito

ao fato de que uma narrativa não se trata de uma entrevista da mesma forma que os encontros que tivemos com as/os participantes da pesquisa não se trataram de entrevistas de quaisquer tipos. Isso ocorre por que a entrevista presume algum tipo de direcionamento por parte do pesquisador, já a narrativa permite que nos aproximemos do fenômeno para compreendê-lo em sua integralidade.

O segundo item que é interessante comentar é o paralelo que a autora fez entre — o ato de construir narrativas com o ato de contar histórias que se estabelece nas trocas entre diferentes sujeitos. Isso é muito relevante para nossa pesquisa, pois nosso direcionamento foi exatamente este: construir narrativas acerca das conversas que tivemos com as/os participantes da pesquisa.

Nossa proposição de ‘narrativas geográficas’ diz respeito ao fato de nos inserirmos no fenômeno enquanto ele ocorre, isto é, enquanto estudantes da modalidade EaD estão inseridos em suas atividades, adaptando a estratégia de pesquisa a mediação que a EaD possui pelo ciberespaço. Assim, essas narrativas têm como foco, os encontros, os diálogos entre pesquisador e participantes da pesquisa, combinando transcrição de falas tanto do pesquisador quanto das/os participantes e trechos das anotações feitas pelo pesquisador durante o encontro.

Elas são ‘geográficas’ por estarem inseridas nesse espaço universitário à distância, ou seja, elas não narram eventos passados ou respondem a perguntas previamente traçadas, mas dizem respeito à aproximação com/no fenômeno em ato. Assim, temos descrições que trazem maior nitidez para a pesquisa por evidenciarem a inserção do pesquisador no fenômeno. Após a descrição, temos a redução fenomenológica, para entendermos do que se trata vejamos o que Serpa (2019, p. 37) nos diz sobre isso:

A redução fenomenológica não exclui o verdadeiramente transcendente (a consciência, o universal). É a investigação das essências, é captação do sentido da evidência absolutamente intuitiva [...] A redução é percepção evidente reduzida, é análise das essências na esfera da evidência imediata. A (difícil!) tarefa aqui é a de rastrear todas as formas de dar-se das coisas e todas as correlações, exercendo sobre todas elas a análise esclarecedora

A redução fenomenológica não se trata de análise do fenômeno no sentido de buscar explicações para ele com base em teorias e perspectivas científicas pré-existentes. Mas, diz respeito a uma discussão sobre seus diferentes aspectos essenciais, isto é, quais

as intencionalidades, intersubjetividades, a implicação do corpo e como que se constituem representações do fenômeno. Por isso, o autor nos diz que a redução se trata da ‘percepção reduzida’, ou seja, é compreender o fenômeno através do que faz parte, é se aprofundar naquilo que constitui o fenômeno.

Dessa forma, traçamos uma redução fenomenológica que aconteceu em dois momentos, o primeiro momento serviu para reduzir as narrativas geográficas, isto é, a descrição dos encontros. Com isso, podemos retirar o que chamamos de grupos-síntese, isto é, agrupamentos de trechos das narrativas que nos indicam aspectos que constituem as percepções, representações e experiência desses encontros entre pesquisador e participantes no espaço universitário à distância. Já o segundo momento nos permitiu reduzir os próprios grupos-síntese e com isso deixar mais explícito o que constitui as percepções, representações e experiências das/os estudantes nesse espaço universitário da modalidade EaD.

A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA POR SUAS/SEUS ESTUDANTES

Tendo a gravação do áudio dos encontros com cada um dos sete estudantes que se disponibilizaram a participar da pesquisa e as anotações realizadas pelo pesquisador ao longo dos encontros, podemos compor o que chamamos de “narrativas geográficas” de cada um dos encontros. Em função da impossibilidade de apresentarmos tais narrativas em sua completude no presente artigo, traremos trechos delas no sentido de discutir o que chamamos de ‘grupo-síntese’.

Os grupos-síntese, como vimos, foram resultantes do primeiro momento da redução fenomenológica e analisados com maior profundidade no segundo momento. Dessa forma, temos quatro grupos-síntese sendo: 1) Percepções, intencionalidades e corpos; 2) Perturbações; 3) Intersubjetividades, relacionamentos e vínculos e 4) Representações. Como chegamos a produção desses quatro grupos-síntese? Após a construção das narrativas geográficas, nas quais englobamos as falas transcritas dos encontros e as anotações do pesquisador, empreendemos um processo de releitura das narrativas.

Ao longo dessa releitura que tinha como objetivo a realização da redução fenomenológica, identificamos esses agrupamentos de trechos em cada narrativa, tais agrupamentos indicavam diferentes aspectos do que Serpa (2019) explicou como princípios fenomenológicos para apreender os fenômenos. Dessa forma, dividimos tais agrupamentos entre os princípios fenomenológicos como a percepção e a intersubjetividade. Bem como, aqueles que indicavam as representações que, embora não sejam um princípio da fenomenologia, eram um dos objetos de estudo da pesquisa, também, as perturbações identificadas ao longo dos próprios encontros como elementos relevantes destes. Dito isso, vejamos o que encontramos no primeiro grupo-síntese:

Professor, eu tenho uma organização, porque eu também trabalho sábado e domingo então o que eu faço, eu chego em casa às 10hrs da noite, então ali por umas 3hrs ou 4 hrs da tarde a academia tá meio vazia, então ali eu já pego um papel e organizo o que eu preciso fazer, o que tem menos prazo, o que eu domino mais, então, por exemplo, eu sou mais ligado a história e sociologia, tá, sei lá, tem que fazer um trabalho, e como eu já tenho uma escrita bem marxista assim, já tenho uma leitura, já tenho até algumas citações meio prontas, então esse é um trabalho que eu faço em vinte minutos, às vezes faço até ali na academia mesmo, mas se é alguma coisa que precisa de um tempo maior, aí eu faço em casa entre a hora que eu chego e a hora que eu vou dormir e no sábado à tarde, que é quando eu posso, mas isso é pra algo que demanda mais tempo. Eu sou muito organizado, professor, e a minha esposa também é professora, então nós temos dois espaços aqui pra trabalhar até porque ela também faz pós-graduação.

Esse grupo-síntese tem função de agrupar as percepções, intencionalidades e a discussão acerca dos corpos, perpassa por um conjunto de questões que vão desde o contato direto com os Ambientes Virtuais de Aprendizagem e a realização de atividades, bem como, as/os estudantes organizam seu tempo. Como podemos ver no trecho acima, o participante trabalha em uma academia de ginástica e o processo de organizar a realização das atividades também acontece durante o horário de trabalho enquanto ocorrem períodos de calma no fluxo de clientes.

Isto é, a organização e realização das atividades acontece em dois locais distintos, o local de trabalho e casa, sendo tais atividades 'classificadas' em função da complexidade, aquelas mais simples podem ser feitas durante o horário de trabalho e as complexas em casa no horário de folga. Gostaria de chamar atenção para este trecho e lembrar de duas questões apontadas por Serpa (2019) e Sartre (2011) as quais são a situacionalidade e a posicionalidade.

Vemos que o participante evidencia sua ‘conexão’ com os Ambientes Virtuais de Aprendizagem em diferentes situações e posições, isto é, a primeira feita no horário de trabalho da academia de forma mais objetiva, e, a outra, em casa, quando necessita de maior tempo para realização de atividades propostas. Evidencio isso, pois o participante nos demonstra dois ‘aqui e agora’ de sua conexão com a plataforma do curso e com as atividades letivas, o que podemos inferir que leva a duas percepções distintas. Isto é, uma imbricada no entorno dos aparelhos e pessoas da academia e a outra imbricada na casa.

Dessa forma, podemos considerar que parte da constituição do que chamamos de espaço universitário da modalidade EaD se dá altamente efêmera, isto é, diz respeito àquele momento da conexão com o curso em determinado período e local variado, mas que logo termina. Ademais, por essa característica efêmera, a constituição deste espaço universitário pode se dar de forma sobreposta a outras ‘espacialidades’ como o caso desse participante que realiza parte das atividades concomitantemente ao trabalho.

Vejamos um segundo trecho que diz respeito a este grupo-síntese. Importante destacar que no próximo trecho, está em itálico a parcela que diz respeito às anotações do pesquisador:

Então essa é a plataforma que usamos, eu comecei em março, o que não quer dizer que eu tenha feito muita coisa até agora. Esse é o rolê da especialização EAD, tu pode fazer quando e onde tu quiser, dentro da tua disponibilidade. Aí o curso é dividido por capítulos, cada capítulo é dividido em três unidades e um desafio. Por exemplo, essa aqui no capítulo 1, o desafio era criar uma atividade que seria aplicada para uma turma do ensino médio, aí como eu já tinha feito uma oficina na graduação sobre essa mesma temática foi tranquilo.

O que eu pude ver dessa plataforma é que ela é bem simples para o usuário. Visualizei três pontos principais. Havia uma barra na parte superior da tela que possuía o nome da instituição e alguns itens clicáveis como “Conversar com o tutor”, e parecia que essa aba serviria para o contato mais institucional do estudante com tutores e com a própria faculdade. Já no lado esquerdo da tela, havia outra aba com informações do próprio estudante, tais como “Notas”, o que me levou a entender que essa aba seria mais voltada para o acompanhamento do próprio desempenho por parte do estudante. Por fim, na parte central da tela, sobre a qual a participante comenta quando fala dos capítulos nos quais o curso é dividido, estavam apresentados os capítulos do curso com uma breve descrição da temática que abordam. A partir disso, o estudante pode clicar em cada capítulo e acessar os materiais e atividades. Uma questão que a participante trouxe é a estrutura de cada capítulo, divididos em três unidades, cada unidade com materiais que se concentram em textos curtos (entre 10 e 20 páginas) e, no final, um desafio que seria uma atividade mais elaborada, voltada para a docência na educação básica

Esse segundo trecho já nos direciona para a questão da intencionalidade, tanto de minha parte, quanto da parte da participante, falemos primeiro das minhas anotações. Como podemos ver, fiz algumas observações sobre o que via da plataforma enquanto a estudante me relatava as atividades que ali estavam e tive uma noção geral da plataforma. Nisso pude me intencionar para diferentes parcelas do que a estudante tem a sua disposição, como a barra para assuntos mais institucionais e o botão para acessar suas notas nas avaliações.

Mesmo tendo essa intencionalidade, isto é, de observar diferentes funcionalidades da interface da plataforma, a participante não parece se importar muito com elas, o que ela se intenciona é para os conteúdos e atividades propriamente ditas. Ela explica um pouco sobre os capítulos que constituem o curso e como cada um deles é dividido e que não existem necessariamente prazos impostos pelo curso para realização de atividades ou leitura de conteúdos. Eles devem ser feitos pelo estudante em seu próprio tempo sem muito controle por parte de professores ou tutores.

Deste trecho é interessante pensarmos no que nos foi destacado por Bernardes (2009) acerca da forma como os sujeitos navegam no ciberespaço, o autor nos mostra que os sujeitos se intencionam através das imagens e instituem sua navegação em função dessas intencionalidades. Tal discussão pode ser elencada para pensarmos este trecho, o fato de minha breve descrição da plataforma ser distinta daquela mencionada pela participante diz respeito ao fato que nossas intencionalidades se direcionam distintamente.

A navegação que ela faz na plataforma diz respeito a buscar os conteúdos para leitura e as atividades propostas para cada módulo dos capítulos, haja vista que ela é uma estudante do curso e esse é seu objetivo. Já no meu caso, eu buscava apreender como era a plataforma, entendê-la como um todo, então buscava olhar para mais detalhes e não me atentava somente para um módulo ou atividade em específico.

Assim, podemos pensar dentro desse grupo-síntese que além de situacionalizada, posicionada e efêmera, a conexão com o curso e, em especial, com a plataforma, ela é permeada de uma série de intencionalidades. Tais intencionalidades perpassam desde como se acessa o ambiente virtual até mesmo, no caso do participante anterior, na

forma como divide as atividades e se direciona para algumas primeiro. Sendo assim, temos uma conexão que tal como vimos acerca da percepção por meio de Merleau-Ponty (2018) não se direciona para uma apreensão completa do curso, mas que navega entre as possibilidades ali colocadas e estabelece um próprio caminho.

Ainda acerca desse grupo síntese, gostaria de destacar a implicação do corpo em ambos os trechos destacados. Como podemos perceber essa implicação? A questão da intencionalidade e do movimento que está presente nos trechos nos auxilia, ao ser preciso lembrar, que a intencionalidade que apreendemos a partir de Merleau-Ponty (2018) opera no nível do corpo.

Logo, quando a/o participante navega pela plataforma, quando ela/ele se intenciona para este ou aquele item, ela/ele também está se movimentando, mesmo que consideremos esse movimento como as mãos sobre o teclado do computador e no uso no *mouse*, o corpo dele está implicado. Ademais, é preciso considerar, também, a relação entre os sujeitos e os equipamentos utilizados no sentido de funcionarem como uma projeção do corpo dos sujeitos para executarem as tarefas, logo, mesmo se tratando de uma conexão pelo uso do computador, o corpo está imbricado nela necessariamente.

Uma questão importante percebida durante os encontros está destacada no grupo-síntese intitulado 'perturbações', pois ao longo das conversas com as/os participantes ocorreram diferentes momentos em que algum evento externo perpassa pela conversa e acaba por alterar seu rumo. Vejamos um desses momentos no seguinte trecho:

Essa parte da conversa foi interrompida pela chegada da filha da participante, que quis dar um "oi" para a câmera e para qualquer pessoa com quem a mãe estivesse falando, o que foi outro momento de descontração na conversa, mas depois ela voltou a brincar a pedido da mãe para que conseguíssemos terminar nossa conversa.

Esse momento é interessante, ao demarcar uma forma de interrupção não somente da conversa como também da percepção que estava instituída até então. Pensemos da seguinte forma, eu e a participante estávamos envolvidos em discutir a relação dela com o curso, a plataforma e vários desdobramentos dessa relação, mas com a chegada da filha toda a dinâmica da conversa se altera, pois nos direcionamos para atender a criança que requisitava atenção.

Sendo assim, tal perturbação altera as intencionalidades instituídas nesse ‘aqui’ e ‘agora’ o que conseqüentemente nos conduz a uma alteração das percepções constituídas nesse momento. Dito isso, como podemos compreender essa perturbação? Em outra pesquisa de nossa autoria, Nunes e Costa (2022), quando estudamos o jogo para *smartphones* chamado *Pokémon Go* também presenciamos perturbações nos relatos da prática do jogo.

No caso do jogo entendemos que as perturbações se tratavam de momentos que faziam com que o jogador de fato perdesse a conexão com o jogo momentaneamente. Mas será que o mesmo pode ser pensado acerca do presente estudo? Vejamos mais uma situação de perturbação abaixo para compreender tal questionamento de forma mais apropriada:

Infelizmente, essa conversa teve de ser encerrada mais cedo, uma vez que a participante tinha um compromisso pessoal. Na verdade, essa foi a razão de a conversa ter começado mais cedo do que as demais, isto é, para que pudéssemos conversar antes desse compromisso, haja vista que, pelo que a participante me falou, ele se estenderia por algumas horas.

Como podemos ver, essa se trata novamente de uma das minhas anotações que estão presentes na narrativa e descreve uma perturbação um tanto distinta da primeira, pois nesse caso não foi nada inesperado, já sabíamos que teríamos de encerrar o encontro em determinado horário. Contudo, mesmo assim, entendo esse momento como uma perturbação no sentido de que tivemos de ‘cortar’ a conversa abruptamente em função disso.

Considerando o questionamento acima sobre como considerarmos tal perturbação no contexto aqui estudado, penso que tal situação, apesar de ser uma perturbação do momento de conexão, podemos considerar que essa perturbação está englobada pelo próprio contexto da EaD. Qual a razão para tal entendimento? Como vimos no primeiro grupo-síntese, as atividades da educação à distância por vezes podem estar sobrepostas a outras, como o participante que organizava parte das demandas do curso durante o trabalho.

Tendo em vista isso, podemos considerar que o que chamamos de ‘perturbações’ nesse grupo-síntese são, na verdade, momentos que passam a ser englobados nas experiências que as/os estudantes constituem ao longo das atividades da modalidade.

Assim, seja a chegada da filha da participante, seja um compromisso que necessita encerrar o momento de conexão com a plataforma são acontecimentos que mesmo ‘atrapalhando’ o momento de vinculação com o curso e suas atividades constituem esse espaço universitário da modalidade exatamente por reforçar sua situacionalidade, posicionalidade e, também, a efemeridade dele.

O terceiro grupo-síntese diz respeito a intersubjetividade acerca dela, vejamos esse primeiro trecho que nos traz a fala de uma participante sobre a relação com colegas estabelecidas durante a realização de algumas atividades:

Na [nome de universidade privada]¹ como a gente tem um trabalho final que é o paper e o trabalho é em grupo, a gente tem um grupo e lá a gente fala sobre o trabalho e na Geografia também, tinha alguns trabalhos que eram em grupo e eu tive que chamar os colegas no WhatsApp. Na Geografia agora tinha um trabalho que era pra fazer em grupo, em dupla na verdade e um colega me mandou uma mensagem para nós fazermos juntos e ele começou a me enrolar e nisso outra colega me mandou uma mensagem e falei que não poderia porque já estava fazendo com outro colega, mas como ele seguia me enrolando eu mandei mensagem para essa colega. Conversando com essa colega e conhecendo ela, a gente chegou numa conclusão, com os prints que ela mandou e eu também, esse colega tava enrolando ela também, ele queria que a gente fizesse o trabalho e colocasse o nome dele porque ele começou a dizer que estava doente e tava enrolando eu e ela. Isso, porque ela falou que inicialmente ela tava fazendo com outro colega que também disse pra ela que não poderia fazer, no fim ele tava procurando alguém pra colocar o nome dele no trabalho. Bem complicado, daí como é em EAD, a gente não se conhece e primeiro semestre, a gente não conhece como é cada colega. Da [nome de universidade privada] também tem um grupo, mas desse pega todo o país no grupo e a tutora do curso que separa os grupos. *Esse trecho gerou algumas risadas durante a conversa, especialmente pela história que ela relatou sobre o colega que a “enrolou” para fazer um trabalho em um dos cursos dos quais ela participa. Esse fato fez com que ela se aproximasse de outro colega que também estava sendo “enrolado” pelo mesmo estudante. Nesse meio tempo, chegamos à conclusão de que tais coisas acontecem tanto na modalidade presencial quanto na EAD.*

A situação engraçada trazida pela participante de que ela e outra colega estavam sendo ‘enganadas’ por outro colega para que cada uma delas fizesse o trabalho por ele demonstra com certa nitidez o que Serpa (2019) explica sobre a intersubjetividade como uma forma de negociação. Isso se dá em função de que o processo de comunicação tanto entre o colega ‘enganador’ quanto entre as duas colegas que perceberam que estavam sendo ‘enganadas’ explicita uma troca, uma acomodação entre os sujeitos no sentido de se entender conjuntamente.

¹Optamos por suprir os nomes das instituições de ensino superior citadas pelas/os participantes para evitar cair em problemáticas éticas de quaisquer formas.

Outra questão importante a ser mencionada e que nos foi apontada pela participante é como esses contatos são estabelecidos. Podemos perceber que eles são constituídos, assim como as atividades do curso, de forma on-line utilizando redes como o WhatsApp e através desses contatos on-line acabam por se formar alguns relacionamentos mesmo que em função de uma situação estranha como o caso relatado pela participante da pesquisa.

Contudo, concomitantemente que há a formação de vínculos e que a intersubjetividade também perpassa pela educação à distância, podemos ver em um pequeno trecho da fala da participante que ela comenta em função de tratar de um curso EaD, que ela não conhece todos os colegas no início do curso. Podemos considerar que parte das relações da educação à distância ocorrem em função das próprias atividades, isto é, pela dinâmica da modalidade há certa dificuldade de acontecerem interações para além daquelas empreendidas com o próprio processo formativo.

Acerca disso, vejamos o próximo trecho acerca do que outra participante nos fala sobre a formação de vínculos e as interações na modalidade à distância:

Assim, saindo do tema das aulas síncronas e da plataforma, decidi perguntar acerca do polo do curso, se ele existia e se havia atividades nele. Sim, nós temos o polo da Universidade Aberta que fica no município vizinho, eu moro em Frederico Westphalen e o polo fica em Seberi, então é, daqui dá uns 15/20 minutos de carro daqui até lá. No início, é que pra ti entender também a minha trajetória no curso, este último semestre, na verdade, os últimos três semestres eu fiz como sendo aluna em re-oferta. O curso este começou em 2017, na época foi aberto um novo edital em 2018 pra uma nova turma, aí eu entrei em 2018, logo assim no primeiro semestre a gente já fez assim 2 em 1, a gente se integrou na turma que já estava em andamento, já na metade de 2019 eu parei de cursar porque eu não tava mais dando conta, perdi uns dois semestres pelo menos, teve um que eu reprovei todas as disciplinas e não fiz o sexto e o sétimo, então eu perdi o contato com a turma na qual eu iniciei, a gente tinha atividades no polo, mas eu fiquei meio aleatória, participando de outros polos, o que eu percebo, por exemplo, agora eu estive participando do polo de Balneário Pinhal, tem atividades presenciais lá, a gente é convidado para os encontros pra tirar dúvidas, apresentar os relatórios do estágio, semelhante ao que acontecia aqui no polo de Seberi antes da pandemia, com o fim da pandemia, os encontros voltaram a acontecer.

Esse trecho nos traz outras questões para debater, a primeira delas é a questão dos polos que fazem parte dos cursos EaD. Vemos que para outros participantes o polo parece ser somente o local de cadastramento e matrícula no curso escolhido, pois o restante das atividades são feitas pela própria plataforma ou em grupos de WhatsApp. Contudo, o caso dessa participante nos indica que há também atividades nos polos em

alguns cursos EaD tanto para realização de avaliações quanto para sanar dúvidas e outros formatos de atividades.

Então, mesmo quando se trata das atividades presenciais no polo, o motivo ainda é a realização de alguma atividade do curso, embora tais atividades permitam outros contatos entre as/os estudantes, diferentes daqueles relatados anteriormente que aconteciam exclusivamente via WhatsApp. A segunda questão que a participante nos trouxe diz respeito a certa 'aleatoriedade' que sente junto do curso por parar por certo tempo e hoje estar em outra turma e outro polo.

Isso é muito interessante porque nos releva questões como a perda de alguma ligação com o curso em função da falta de um grupo de pessoas com quem se relacionar, no caso, a turma da qual ela fazia parte. Logo, podemos considerar que uma questão da EaD são as intersubjetividades e as relações tanto no sentido de poder constituir intersubjetividades quanto no sentido de experienciar dificuldades em função da falta de relações mais próximas até mesmo que gerem alguma sensação de pertencimento a um grupo.

Por fim, vejamos o que o último grupo-síntese cuja temática diz respeito às representações que puderam ser apreendidas ao longo dos encontros com as/os participantes:

cara se tu pegar um aluno da [nome de uma universidade pública] e tu pegar um aluno da [nome de uma universidade privada], cara tem uma distância aí né, mas o que muda, o cara que da [nome de uma universidade pública] que dá aula no meu curso, ele é professor da Rede Básica, ele é um cara do mestrado, eu não tenho tutor que não tenha mestrado, a maioria já tá no doutorado ou já fez doutorado, eu relato algo do estágio, eu relato pra um cara que saiu da sala de aula dele e foi trabalhar na universidade então é um cara que tem um link teórico e prático. Então esse modelo da [nome de uma universidade pública], da [nome de uma universidade pública], das federais, ele é um modelo diferente do "Tempos Modernos" entende. Eu não tô dizendo que a [nome de uma universidade privada] e outras privadas vendem diplomas, mas o cara tem que ser muito esforçado pra conseguir chegar perto de alguém que sai de um curso, mesmo a distância, de uma federal porque os caras com quem a gente tem aula e a importância que eles dão pra educação.

Para este grupo-síntese destacamos somente um trecho, pois o trecho destacado contempla ambas as representações identificadas. A primeira delas é vinculada a um debate que apareceu não somente nesse trecho como em outros que diz respeito a noção da qualidade acerca do curso e da formação nele empreendida. Já a segunda é vinculada

a comparação constante entre as instituições públicas e privadas no sentido da qualidade e da relevância da formação.

Como Gil Filho (2006) nos mostrou, a representação é uma forma de conhecimento que parte da percepção e da relação com/no mundo até uma simbolização acerca dos fenômenos que nos rodeiam. Nesse sentido, quando dizemos que as/os estudantes têm como representações essas duas questões, isso significa que a partir das suas percepções e experiências na modalidade EaD se constituíram simbolizações acerca da própria modalidade e do próprio curso.

Ademais, Bernardes e Sposito (2009) nos mostram que a navegação no ciberespaço está imbricada de representações, tanto daquelas que se conformam ao longo dessa navegação em todos os percursos que ela possui, quanto daquelas que se conformaram antes em outras experiências e percepções. Dessa forma, tais representações partem desse encontro do antes e do durante a participação na modalidade EaD.

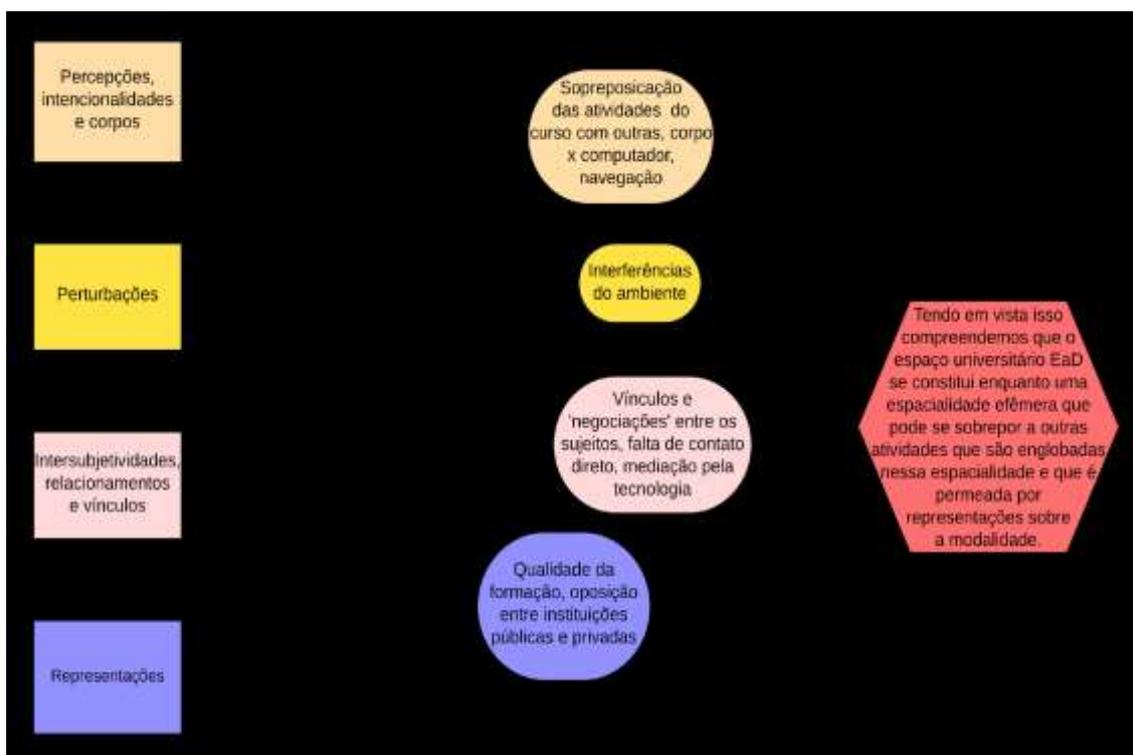
Importante contextualizarmos ambas as representações, vemos que para o participante a implicação do tipo de instituição é determinante para a forma de entender a EaD. Isso se deve a compreensão de que a formação das/os docentes e tutores e o que ele chama de 'modelo' (que podemos entender como o currículo, os próprios projetos pedagógicos e metodologias) das instituições públicas é mais completo e possibilita uma formação de maior qualidade o que não ocorreria nas instituições privadas que no seu entendimento não teriam o mesmo cuidado.

Já a questão da qualidade diz respeito a importância que as/os estudantes atribuem a afirmação que sua formação na modalidade EaD possui excelência e as possibilidades a constituição de habilidades tanto qualquer outra modalidade. Podemos considerar isto como resultante desse encontro entre representações de antes e durante a participação da modalidade EaD. Na necessidade dessas/es estudantes afirmarem a relevância de seus esforços e estudos na modalidade no sentido de compreender a representação que possuíam anteriormente e o que passaram a interpretar sobre a modalidade ao fazerem parte dela.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Dito isso, temos o que necessitamos para completarmos nossa discussão sobre o espaço universitário da modalidade EaD, isto é, a partir da discussão dos grupos-síntese podemos nos direcionar para entendermos o que obtemos sobre o espaço universitário constituído nas experiências, percepções e representações de estudantes. Para isso, vejamos o seguinte fluxograma:

Figura 1 - O espaço universitário da modalidade à distância



Fonte: Produção dos autores (2023)

Para compreendermos o fluxograma é importante lembrarmos o que Merleau-Ponty (2018) nos mostra acerca do que o espaço se trata, isto é, um meio que permite conexões possíveis e como discutimos o espaço universitário enquanto o 'resultado' das diversas relações que se instituem a partir do processo formativo. Através dos grupos-sínteses que nos permitiram aprofundar o entendimento sobre as narrativas geográficas vimos alguns aspectos através dos quais podemos inferir do que se trata esse espaço universitário.

Assim, averiguamos que estamos falando de uma espacialidade que se conforma, especialmente, na conexão das/os estudantes com a plataforma e com colegas,

professores e tutores, mas essa conexão se dá de maneira sobreposta e efêmera. Sobreposta, porque ele pode estar conformado concomitantemente a outras situações, como vimos o caso do participante que realiza parte das atividades no local do trabalho. Também, efêmera porque ela se constitui na conexão momentânea da/o estudante na plataforma e com as atividades e nos breves contatos com outros sujeitos, também mediados pela plataforma ou grupos de WhatsApp e logo se dissipa.

Essas características do espaço universitário à distância fazem que as chamadas 'perturbações' sejam amalgamadas a própria dinâmica dessa espacialidade, isto é, elas não se tratam de momentos que as/os sujeitos se retiram plenamente dessa espacialidade, mas a própria perturbação englobada pela experiência do/no espaço universitário à distância. Dito isso, podemos considerar essa espacialidade é necessariamente situacionalizada e posicionada que implica conexões que se estabelecem nas experiências e percepções das/os.

As intersubjetividades que perpassam o espaço universitário à distância também estão perpassadas pela efemeridade, pois elas se constituem de maneira momentânea mediante conversas e diálogos através da própria plataforma e outros meios como o WhatsApp. Elas se expressam, também, por meio de atividades nos polos que podem se estender para além dos momentos formativos e se caracterizam pela relevância que podem influenciar a alguma forma de pertencimento ao curso.

Por fim, as representações que permeiam essa espacialidade partem exatamente de uma 'confrontação' entre o que se vê e fala da modalidade fora dela e aquilo que as/os estudantes experienciam ao longo da educação à distância. Essas representações buscam explicar a qualidade e as diferenças que existiriam entre instituições e, assim, atribuir sentido para os estudos e o processo formativo das/os estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que realizamos teve como início o questionamento acerca da relação entre a educação à distância e a experiência de ser/estar na universidade. Para conseguir operacionalizar essa pesquisa lançamos mão da fenomenologia para compreender as

questões como a experiência, a percepção e as representações e, também, do debate acerca do ciberespaço para entendermos como os sujeitos se conectam e o experienciam.

No intuito de nos colocarmos junto do fenômeno durante sua ocorrência, realizamos encontros com as/os participantes e através destes construímos as narrativas geográficas, formato adotado para descrever tais encontros e com essa descrição compreender como se constitui o espaço universitário da EaD. As narrativas foram reduzidas e chegamos aos grupos-síntese que nos possibilitaram aprofundar como se dão tais experiências, percepções e representações das/os estudantes e através destes compreender o próprio espaço universitário da modalidade.

Feito esse processo, encontramos uma espacialidade que se constitui de forma efêmera que pode se sobrepor a outras atividades cujas relações entre os sujeitos, além de mediadas pelas funcionalidades tecnológicas, são majoritariamente efêmeras embora possam se estender para além das próprias atividades do curso. Dentre as representações que conferem sentido a esta espacialidade estão as noções sobre a qualidade do processo formativo e a afirmação que as atividades de cursos da modalidade à distância possuem excelência quanto quaisquer outras modalidades. Tal pesquisa abre caminhos para novos debates epistemológicos da Geografia, bem como, de novas pesquisas acerca da conformação (e produção) de espacialidades mediados pelo uso da tecnologia.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru, São Paulo: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

BARBOSA, N.A. C.; COSTA, B.P.; NUNES, D. M.. Espacialidades Otaku: Uma análise sobre corpos femininos no ciberespaço. **5º Workshop de Geografia Cultural** “Relações étnico-raciais, Sexualidades e Gênero: Por uma Geografia da Diversidade”. 17 a 19 de agosto de 2022, Alfenas-MG.

BERNARDES, A. H.; SPOSITO, E. S. Internet, Ser e Espaço: Pressupostos de Fenomenologia-ontológica estrutural. **Revista Formação**, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 17-27, 2009.

BRASIL. **Decreto n.º 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2017.

BUTTNER, A. Grasping the dynamism of lifeworld. **Journal Annals of the Association of American Geographers**, [s. l.], v. 66, n. 2, p. 277-292, 1976.

CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos estudos geográficos. *In*: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 11-36.

GIL FILHO, S. F. Geografia Cultural: Estrutura e primado das representações. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 51-59, 2006

DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HERRMANN, G.; COSTA, B. P. da. Geografia e Estudo do Lugar: A Casa do Estudante Universitário II – UFSM/Santa Maria/RS. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 29, p. 76-93, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior**. Brasília, 2022.

ITABORAHY, N. Z. Imagens geográficas dos caminhos da pesquisa: confissões cotidianas espacializadas. **Geograficidade**, Niterói, v. 3, n. 1, p. 39-49, 2013.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LINDÓN, A. De las geografías construtivistas a las narrativas de vida espaciales como metodologías geográficas cualitativas. **Revista da ANPEGE**. v.4, 2008.

MARANDOLA JR, E. **Da existência e da experiência**: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.15, n. 24, p.49-67, jan/jun, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 4 ed. São Paulo: WMF, 2018.

NASCIMENTO, T.F. **Os terreiros de cultos afro-brasileiros e de origem africana como espaços possíveis às vivências travestis e transexuais**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

NUNES, L. B.; COSTA, B. P. O espaço híbrido em Santa Maria (RS): experienciando a cidade como jogador de *Pokémon Go*. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 16, p. 1-20, 2022.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCARPA, M. C. T. Intencionalidade: Merleau-ponty e Babarás. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.25, n.2, p.148-155. 2019.

SERPA, A. **Por uma geografia do espaço vivido**: Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia**: contribuições para o ensino do pensamento geográfico. Presidente Prudente: Editora da UNESP, 2004.

SUERTEGARAY, D. M. Notas sobre a Epistemologia da Geografia. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis, n. 12, p. 1-63, 2005.

TUAN, Y.F. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido: 26/07/2023 Publicado: 12/04/2025

Editor Geral: Dr. **Eliseu Pereira de Brito**